

O REI DOS JAGUNÇOS: UMA FONTE ESQUECIDA DE OS SERTÕES

SÍLVIA MARIA AZEVEDO
UNESP

1. Os reverses de um correspondente de guerra

Manoel Benício, com o seu romance **O Rei dos Jagunços**, inscreve-se no rol dos intelectuais brasileiros que, com o término da guerra de Canudos, e diante das notícias das atrocidades cometidas pelo Exército contra o inimigo, passaram a defender a causa dos canudenses.

Na verdade, para Benício, nem foi preciso aguardar que Canudos se rendesse a 5 de outubro de 1897, pois, na função de correspondente de guerra do **Jornal do Comércio**, do Rio de Janeiro¹, os seus informes se pautaram pela denúncia implacável da inabilidade do Exército na luta contra os jagunços. Nas cartas, o repórter declara abertamente que, se não fora o socorro prestado pela 2ª Coluna da 4ª Expedição, comandada pelo general Savaget, a 1ª Coluna, sob as ordens do general Artur Oscar, teria tido o mesmo fim que a Expedição Moreira César. Segundo denúncias de Manoel Benício, o general Oscar acreditava, como os comandantes que o precederam, na facilidade de vencer Canudos; por isso mesmo, para adentrar mais rapidamente no reduto dos jagunços, conta-nos o repórter, o general deixa para trás toda a munição de guerra e de boca com o coronel Campelo, em Monte Santo. Além desse erro, Artur Oscar cometeu outro ainda mais grave, que Benício igualmente torna público: ao invés de ordenar o posicionamento da artilharia a salvo do tiroteio do inimigo, mandou-a colocar-se no alto do morro, ao desabrigo de qualquer trincheira. Para completar o quadro de desatinos, a mando do general Oscar, a 1ª Coluna acampa num morro atrás de Canudos, num valo apertado, ficando inteiramente na mira dos jagunços e sem ter mais munição para distribuir entre os soldados. Tudo isso Manoel Benício conta para os leitores do **Jornal do Comércio**, com absoluto conhecimento da situação, já que participara da 2ª Coluna:

*"Eu lá estava também na mesma hora, por isto que nunca deixei de testemunhar os grandes acontecimentos da segunda Coluna."*²

Outro assunto prudentemente evitado nas ordens do dia expedidas pelos comandantes eram as degolas dos jagunços praticadas pelos soldados. Por algum tempo, Manoel Benício usou de prudência, não fazendo menção aos métodos bárbaros empregados pelo Exército. Na carta de 24 de julho, relativa ao ataque do dia 18 do mesmo mês a Canudos, o correspondente não esconde mais que os jagunços eram degolados:

*"Deu-se novo ataque de carga de degola."*³

¹ Walnice Nogueira Galvão, em **No Calor da Hora** (São Paulo, Ática, 1977) reproduz a correspondência de Manoel Benício enviada ao **Jornal do Comércio** (p.237-340).

² Idem, *ibidem*, p.244.

³ Idem, *ibidem*, p.257.

Mesmo fim devem ter tido as mulheres e crianças, mortas dentro das casas:

*"Dezenas de casas foram invadidas - mortos seus moradores, mulheres e crianças, quase todos."*⁴

Compreende-se que a correspondência de Benício estivesse sujeita não apenas à censura do Exército, como era de praxe submeter as reportagens dos correspondentes, mas também ao boicote, por ordem do general Artur Oscar. Não admira que o correspondente do **Jornal do Comércio** não tenha resistido por muito tempo em Canudos, impedido que estava de exercer as suas funções. Além disso, enquanto integrante da 2ª Coluna, sofria, como os demais soldados, as agruras da guerra. A sua carta de 13 de julho é o relato comovente do estado deplorável em que se encontrava o repórter: "exausto, sujo, sedento, faminto e doente!"⁵

Mais do que os padecimentos físicos, talvez, lhe doessem as críticas que teve de enfrentar por ter ousado fazer denúncias que comprometiam a imagem inatacável de certos medalhões do Exército, como era o caso do general Artur Oscar.

Ao desvalido correspondente, porém, ainda restava um consolo: a chegada de soldados feridos e doentes do campo de batalha a Salvador obrigava os jornais baianos a denunciar, como ele o fizera, a incompetência da 4ª Expedição.

Havia outra esperança para Manoel Benício: que Euclides da Cunha, "correspondente de um jornal paulista", e que seguia para Canudos, autor do artigo *Nossa Vendéia* (sic), que "impressionou a todos que o leram pelo critério e ilustração com que foi escrito"⁶, pudesse comprovar as verdades que o repórter do **Jornal do Comércio** tornara públicas.

2. Canudos na versão de Manoel Benício

Apesar das esperanças que depositava no já famoso correspondente de guerra do jornal **O Estado de São Paulo**, Manoel Benício não irá esperar por Euclides para se vingar das humilhações e sofrimentos padecidos em Canudos. A exemplo de Afonso Arinos que, em 1898, escreve **Os Jagunços**, Benício, no ano seguinte, dá a conhecer a sua versão romanceada da guerra, em **O Rei dos Jagunços**, "chronica historica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos"⁷. O subtítulo da obra explicita as intenções do autor: ao contrário de Arinos, Benício não tem por propósito escrever uma "novela sertaneja", e sim uma crônica de costumes, ou seja, um relato em que os fatos históricos têm precedência sobre a construção literária. O "tom de romance", acrescenta o escritor, só aparece na obra para "amenizar a aspereza do assunto e o enfado de descrições enfadonhas de quem não tem estilo."⁸ De certa forma, é possível supor que o emprego da "sintaxe e vocábulos adotados pelos nossos sertanejos"⁹ entram para **O Rei dos Jagunços** menos para participar do "tom de romance" e mais para garantir "maior fidelidade histórica".

Portanto, aquele que escreveu **O Rei dos Jagunços** não é um escritor, um literato, tanto que, depois de terminada a obra, Benício confessa não ter tido paciência para "refundi-la em tom melhor - tarefa fatigante e intolerável aos que escrevem despreocupados da fama a clássico português."¹⁰ Trata-se, isto sim, de um "ex-correspondente do Jornal do Comércio junto às forças contra Antonio Conselheiro", como faz questão de acrescentar ao subtítulo da crônica histórica.

⁴ Idem, ibidem, p.257.

⁵ Idem, ibidem, p.312-313.

⁶ Idem, ibidem, p.324.

⁷ Manoel Benício. **O rei dos jagunços**. Rio de Janeiro, Typ. do "Jornal do Comercio" de Rodrigues & Cia, 1899.

⁸ Idem, ibidem, p.14.

⁹ Idem, ibidem, p.14.

¹⁰ Idem, ibidem, p.14.

Não bastava ao "ex-correspondente" explicitar o tipo de "romance" que criou; era preciso igualmente deixar claras as suas intenções ao escrever **O Rei dos Jagunços**. Como Afonso Arinos, Benício acredita que os motivos da guerra de Canudos devem ser buscados no passado. No seu ponto de vista, toda a tragédia da guerra de 1897 no sertão baiano tem por causa remota a falsa acusação de furto de que é acusado Miguel Maciel, tio de Antonio Conselheiro:

"...por ter sido acusado de um furto, em 1833, um tio de Antonio Vicente Mendes Maciel (Conselheiro), por nome Miguel Carlos Maciel, destemido cangaceiro dos sertões do Ceará, desenrolou-se uma série tremenda de episódios sangrentos, que vieram terminar com a morte do sobrinho (Conselheiro) em 1897, nos sertões da Bahia."¹¹

Ao optar por contar a "verdade" sobre a guerra de Canudos pelo lado dos jagunços que, por vezes, Benício chama de "cangaceiros", o autor sabe que tem agora aliados, o mais próximo, sem dúvida, sendo Afonso Arinos. Não por um acaso, muitas são as semelhanças entre **O Rei dos Jagunços** e **Os Jagunços**. Nem por isso, as semelhanças conseguem esconder as diferenças nas recriações da guerra de Canudos por Arinos e Benício.

O Rei dos Jagunços, como **Os Jagunços**, divide-se em duas partes: a "Primeira Parte", que o autor intitulou "Os visionários e os cangaceiros", e a "Segunda Parte", chamada de "Militares e políticos". "Os visionários e os cangaceiros", a parte pesquisada sobre Antonio Conselheiro e sua família¹², compreende cinco capítulos: "Os Maciés", "Antonio Conselheiro", "Santas Missões", "Vida sertaneja" e "Canudos". "Militares e políticos", a parte em que Benício alia a pesquisa ao aproveitamento de suas reportagens¹³, engloba outros onze capítulos: "Primeira e Segunda Expedições", "Terceira Expedição", "Os jagunços em Canudos", "Atenção!", "A quarta expedição: 2ª Coluna", "Primeira Coluna", "Artimanhas e deserções", "Desesperos", "As investidas", "Começo do fim" e o capítulo final que tem por título um ponto de interrogação, seguido de reticências ("?...").

Um dos capítulos da "Primeira Parte" de **O Rei dos Jagunços**, "Vida sertaneja", quase certamente foi inspirado na "Primeira Parte" de **Os Jagunços**. Levado igualmente pelo propósito de caracterizar a vida sertaneja, Manoel Benício faz com que o bando de Antonio Conselheiro, tal como acontecia no romance de Afonso Arinos, chegue a uma fazenda: lá, era a fazenda Periperi, aqui, é a fazenda Tomé. Em **Os Jagunços**, a chegada do Conselheiro e seus seguidores à fazenda Periperi se justifica pelo espírito de errância do grupo, que ainda não encontrou lugar definitivo para se fixar, a sua "cidade santa". Já em **O Rei dos Jagunços**, Antonio Conselheiro e seguidores vêm para cumprir missão específica: a construção de um açude na fazenda do velho Tomé. Para isso, devem ficar um certo tempo no local.

A situação é propícia para a caracterização das figuras que integram o grupo do Conselheiro. No romance de Arinos, o bando que chega à fazenda Periperi compõe-se, na sua quase totalidade, dos anônimos desvalidos do sertão. O grupo só ganhará contornos mais definidos a partir do encontro com o vaqueiro Luís Pachola. Enquanto protótipo do seguidor de Antonio Conselheiro, Luís Pachola, ou seja, o mundo em que vive e representa, funciona para a configuração dos integrantes do bando do novo Messias.

Em **O Rei dos Jagunços**, Pajoba, integrante da comitiva do Conselheiro, tenta convencer o escravo Candinho a fugir da fazenda e juntar-se a eles. Todavia, Candinho, ao contrário do que acontecia com Luís Pachola, não é representativo do seguidor do profeta baiano. Na perspectiva de Manoel Benício, o bando se configura pelos mais variados tipos humanos, tais como Raimundinho Doutor, "um mulato cheio, de cabeça enorme e ares importantes"¹⁴ e que tinha esse nome "em virtude de falar muito, contar pabulagens e prosas"¹⁵, o

¹¹ Idem, ibidem, p.12.

¹² "A monografia dos Maciés foi escrita sob informações do ilustre cronólogo cearense e jovem de letras, Coronel João Brígido, que poderia assinar a primeira parte da obra, tantos foram os recursos históricos e morais que dispensou para a textura dela." Idem, ibidem, p.13.

¹³ "É com a aquiescência do **Jornal do Comércio** que trasladamos, como enchimento histórico ilustrativo e notas à textura deste livro, artigos referentes aos sucessos de Canudos." Idem, ibidem, p.13.

¹⁴ Idem, ibidem, p.84.

¹⁵ Idem, ibidem, p.84.

curandeiro Manoel Quadrado, Horácio Vila-Nova, "o encarregado de receber e repartir as esmolas que se lhe ofertavam"¹⁶, Chico Ferreira, o tocador de viola, Guabiraba, "o mais terrível cangaceiro"¹⁷, Romano, "terrível cantador"¹⁸

Já que a intenção de Benício não era escrever uma obra literária a respeito da guerra de Canudos, mas usar a ficção como "recheio", esta aparece na obra quase sempre nos momentos de diálogo. O diálogo, usado como situação tipificadora da vida do sertanejo, permite ao escritor "enxertar sintaxe e vocábulos sertanejos", como era seu propósito. Assim, em conversa com Raimundinho Doutor, o curandeiro Manoel Quadrado diz que "apadrinhou" um novilho. Ao pé da página vem a explicação do termo: "O novilho ou barbatão apadrinhado tem como protetor um feiticeiro ou indivíduo que tem pacto com o diabo. Para segurar o bicho, acreditam os sertanejos, é mister saber encantamento e feitiço maior do que possui o padrinho."¹⁹

O poder de Manoel Quadrado de "apadrinhar" animais não intimida o intrépido Raimundinho Doutor que se propõe trazer o garrote de volta. Esse desafio foi inspirado em **Os Jagunços**: aqui, Luís Pachola é desafiado pelo vaqueiro Gabriel a buscar um novilho "apadrinhado", que fugira da fazenda Periperi.

Uma vez chegados à fazenda Tomé, os integrantes do grupo de Antonio Conselheiro entram em contato com as pessoas da família do velho fazendeiro, mais especificamente, com suas três filhas, Benta, Isabel e Maria. De certa forma, o mesmo acontecia quando o Conselheiro chegava à fazenda Periperi. No romance de Afonso Arinos, todavia, o bando trava relações quase que apenas com os empregados da fazenda. Conceição, que vem a se apaixonar pelo futuro seguidor do Messias baiano, Luís Pachola, é filha de Joana, uma empregada da família. Os donos da fazenda, por sua vez, acolhem o bando porque sua chegada coincide com a comemoração de uma festa religiosa.

Da mesma forma que Afonso Arinos, Manoel Benício usa a situação amorosa enquanto caracterizadora do mundo sertanejo. No entanto, o envolvimento de Raimundinho por Isabel, de Tristão por Benta e de Romano por Maria estão muito distantes do idílio romântico entre Luís Pachola e Conceição. A opção pela vertente realista levou o escritor a focalizar as relações amorosas mais pelo ângulo sexual do que propriamente sentimental. Significativo desse enfoque são os encontros, às escondidas, entre Romano e Maria:

"Ninguém os via nem os viu, felizmente, poque teriam muito que contar sem caluniar a fogosa matuta, que entregou-se inteiramente às carícias e à vontade do amante."²⁰

Além dos favores da mulher desejada, o amante costumava convidá-la a fugir com ele para a sua terra natal, quando então se casariam. Essa é a proposta que Raimundinho faz a Isabel que, "vexada, de olhos baixos dizia que fugir, não, era feio"²¹. Logo em seguida, intervém o narrador para afiançar ao leitor que a proposta de Raimundinho corresponde inteiramente aos costumes sertanejos:

"é muitíssimo natural aos costumes sertanejos o rapto de moças, alguns mesmos (sic) quando os pais consentem no casamento das filhas.

Entra no espírito aventureiro do matuto este pacholismo de raptar as noivas ou namoradas em companhia de dois ou três valentões, metê-las em cima da garupa de um cavalo ardente e abalar para longe, depositando-as, ou não, em casa de famílias."²²

¹⁶ Idem, ibidem, p. 87

¹⁷ Idem, ibidem, p.106.

¹⁸ Idem, ibidem, p.106.

¹⁹ Idem, ibidem, p.83.

²⁰ Idem, ibidem, p.122-123.

²¹ Idem, ibidem, p.116.

²² Idem, ibidem, p.116.

Dos três pares amorosos, somente Benta não desfrutava das delícias dos encontros às escondidas com Tristão. Não era por causa da moça que eles não se viam à noite, nos lugares mais afastados, mas era Tristão, um tipo esquisito, que se recusava. No bando de Antonio Conselheiro, em que figuravam tipos representativos da vida sertaneja (o violeiro, o contador de histórias, o curandeiro), não poderia faltar a figura esquisita que Tristão representa, e de quem o narrador, apoiado em Nina Rodrigues, traça o perfil:

*"Indiscutível é que o mutismo, a cor doentia, os modos, o olhar do moço eram consequência de um estado qualquer agravado pelo abandono de medicamentos ou por um mal ou vício secreto difícil de ser diagnosticado pela medicina sertaneja."*²³

Esse "vício secreto" vem a ser descoberto por Raimundinho que, certo dia, flagra Tristão se masturbando, situação reveladora da demência do jagunço, que não tardará a se manifestar. Fica fácil compreender que faça parte do bando de Antonio Conselheiro um tipo como Tristão, uma vez que o profeta será definido por traços de personalidade semelhantes aos do taciturno sertanejo. Fazer o Conselheiro caracterizar o bando significa inverter os termos da relação chefe-seguidor: não se trata de definir o Conselheiro através de Luís Pachola, como acontecia em **Os Jagunços**, mas definir o grupo a partir do Conselheiro.

Na medida em que Luís Pachola representa o Messias, Afonso Arinos não se preocupou em explorar a biografia de Antonio Maciel: em linhas gerais, a vida de Luís Pachola seria a mesma que Antonio Maciel viveu até transformar-se em Conselheiro. Daí **Os Jagunços** se iniciar pela "biografia" de Luís Pachola, enquanto em **O Rei dos Jagunços**, a história começa a ser contada pela genealogia da sua família, a família Maciel, para, em seguida, traçar as linhas da biografia de Antonio Conselheiro.

Ao reportar-se ao ano de 1833, quando Miguel Carlos Maciel, tio do Conselheiro, é acusado, por um membro da família dos Araújo, de um furto que não praticou, a intenção de Manoel Benício é inocentar, no presente, os jagunços da mesma acusação. Segundo se divulgara, o motivo inicial da guerra de Canudos teria sido a compra de um lote de madeira, pago, segundo os jagunços, roubado, nas versões oficiais. De qualquer forma, esse motivo transformava o jagunço em ladrão; para provar que essa acusação era falsa, Benício foi buscar no passado um fato semelhante, acontecido na família de Antonio Conselheiro.

Nem por tentar recuperar um traço que notabilizaria o jagunço - a honestidade - Manoel Benício conseguiu defini-lo fora dos quadros da loucura e morbidez, como era freqüente interpretar a personalidade de Antonio Conselheiro. Da mesma forma que Antonio Maciel é um desequilibrado, outras pessoas da sua família sofreram do mesmo mal. O pai do Conselheiro, por exemplo, Vicente Maciel, depois de seu segundo casamento, abandona a vida de vaqueiro, entra para o comércio e o pouco dinheiro que ganha é empregado "em satisfazer a mania de edificar"²⁴. Mesmo passando a dever para muitas pessoas, a mania de edificar não o abandona:

*"A terrível mania, porém, não o abandonara, arrastando-o sempre a construir prédios e desconstruir o seu crédito, contraindo com os avultados débitos o esfacelamento de seus bens e o de sua razão; já naturalmente mórbida."*²⁵

A mania de edificar aliada à natural morbidez transformaram Vicente Maciel em "vítima de uma demência intermitente"²⁶, até que vem a falecer a 5 de abril de 1855.

O motivo da incursão pela vida de Vicente Maciel fica mais ou menos claro: por ser filho de um louco, Antonio Conselheiro estava fadado a repetir, inexoravelmente, o destino do pai.

Talvez seja possível compreender porque Manoel Benício faz figurar no bando do "califa de Canudos"²⁷ um tipo como Tristão. Era a loucura atraída pela loucura.

²³ Idem, ibidem, p.105.

²⁴ Idem, ibidem, p.16.

²⁵ Idem, ibidem, p.17.

²⁶ Idem, ibidem, p.17.

²⁷ Idem, ibidem, p.179.

Sendo a loucura o ângulo por que é focalizado Antonio Conselheiro, não poderia faltar, no levantamento de sua biografia, o registro dos primeiros desequilíbrios, causados pela vida atormentada que levava com Brasilina, sua mulher. Logo em seguida em que esta o abandona para entregar-se à prostituição, Antonio Maciel tem seu primeiro ataque de loucura, na casa da sua irmã, Francisca Maciel, conforme registra Manoel Benício. A partir daí, tem início sua vida de errância pelo sertão baiano, passando a disputar com o clero a confiança do povo, do que resultou quase ser encerrado no Hospício dos Alienados. Esses acontecimentos só fizeram aumentar a "dementação"²⁸ de Antonio Conselheiro.

Nem por ser louco, o "taciturno César canudense"²⁹ deixou de prestar inúmeros serviços à comunidade, como a construção de capelas e cemitérios, realizando a proeza de "erigir, de uma fazenda a atual vila de Bom Jesus, que construiu, povoou e engrandeceu!"³⁰

Com Pedro e Alaodim, missionários, Antonio Conselheiro compartilha da mesma loucura, sem que isso os torne criminosos, na defesa de Manoel Benício:

*"Seriam doidos, jamais criminosos, se circunstâncias imprudentes não degenerassem os sentimentos de seus professos em ódio contra os que investiam brutalmente contra a sua fé e liberdade."*³¹

As ambigüidades do romance de Manoel Benício sobre a guerra de Canudos não impedem de se reconhecer que o escritor, pela via da história e da ciência, pretendeu escrever a versão mais "verdadeira" dos acontecimentos. A prova está na reprodução de documentos e notas oficiais que Benício incorpora ao seu texto. Essa prática o escritor trouxe do tempo em que era repórter do **Jornal do Comércio**, quando a denúncia se fazia pelo contraponto entre a versão oficial, transcrita pelas notas dos comandantes, e a versão de Benício dos mesmos fatos. Não por um acaso, é na segunda parte de **O Rei dos Jagunços**, "Militares e políticos", em que o emprego da transcrição de documentos é mais freqüente. O procedimento aparece também na primeira parte da obra, principalmente no capítulo em que Manoel Benício traça o perfil de Antonio Conselheiro.³²

Além de estar a serviço da verdade histórica, a técnica da transcrição de documentos faz com que o relato de Benício, ao invés de centralizado num único ponto de vista, traga para **O Rei dos Jagunços** as figuras que falam através dos ofícios e notas. Com isso, o "romance" ganha em polifonia, resultado das várias vozes que, ao lado do narrador, contam as versões sobre a guerra de Canudos.

Portanto, se **Os Jagunços** é a primeira ficcionalização da guerra, **O Rei dos Jagunços**, é, talvez, a primeira "resposta" a essa recriação ficcional. E essa "resposta", quase certamente, seria motivada pelo fato de Manoel Benício, mais do que Afonso Arinos, sentir-se autorizado a dar a conhecer a sua versão da guerra, já que fizera a sua cobertura como correspondente do **Jornal do Comércio**.

3. O Rei dos Jagunços: uma fonte de *Os Sertões*

Com a publicação de **Os Sertões**, em 1902, seria pouco provável que Euclides da Cunha não conhecesse **Os Jagunços** e **O Rei dos Jagunços**, ainda que o escritor não tenha feito referências nem à obra de Afonso Arinos nem à de Manoel Benício. Walnice Galvão mostrou que, a par das omissões de Euclides em relação à versão de Arinos, "há trechos, episódios, imagens, etc., que estão n'**Os Jagunços** como estiveram anteriormente

²⁸ Idem, ibidem, p.45

²⁹ Idem, ibidem, p.179.

³⁰ Idem, ibidem, p.48.

³¹ Idem, ibidem, p.65.

³² A primeira transcrição é de uma "crônica" de 1867, dando notícia de Antonio Conselheiro pelo sertão do Norte (p.42-43). Outro documento transcrito é o do chefe de polícia da província do Ceará em que o Conselheiro é apontado como homem perigoso, em vista do fanatismo religioso que a sua passagem desencadearia pelo sertão (p.44-45). São também transcritos os ofícios trocados, em 1866, entre o poder eclesiástico e as autoridades civis da Bahia, apontando para o perigo que Antonio Conselheiro trazia para o clero local (p.48-49).

no **diário de uma expedição**. Mas também há trechos, episódios, imagens, etc., que estão n'Os Sertões tal como estiveram anteriormente n'**Os Jagunços**, e que não estão no **diário de uma expedição**³³. Quanto à versão de Manoel Benício, a autora limitou-se a observar, em nota de rodapé, a falta de referência de Euclides à obra do ex-correspondente do **Jornal do Comércio**, sem, contudo, se preocupar em estabelecer nexos e dependências entre **Os Sertões** e **O Rei dos Jagunços**. Daí o interesse em proceder, aqui, à aproximação dessas duas obras.

Já foi dito que a obra de Manoel Benício divide-se em duas partes: "Os visionários e os Cangaceiros" e "Militares e Políticos". Eram dois os objetivos principais da primeira parte: buscar, no passado, as causas remotas da guerra de Canudos e traçar o perfil de Antonio Conselheiro como louco visionário. Os objetivos da segunda parte - as causas do malogro das três primeiras expedições -, ainda que confluem com o motivo imediato da guerra - a compra de um lote de madeira não entregue -, quase acabam não sendo os mesmos da primeira, uma vez que, aqui, a guerra é focalizada predominantemente pelo ângulo das forças armadas, e não pelo ângulo dos jagunços. Por isso mesmo é que a segunda parte afasta **O Rei dos Jagunços** de **Os Jagunços** e aproxima a obra de Benício de **Os Sertões**. O exame mais atento do capítulo "Quarta Expedição", constante tanto de **O Rei dos Jagunços** quanto de **Os Sertões** permite observar até que ponto os dois escritores se aproximam e até que ponto se afastam no tratamento da mesma situação.

O capítulo, em ambas as obras, trata de um acontecimento relacionado à atuação do Exército na guerra de Canudos e que depõe contra o general Artur Oscar, comandante da 1ª Expedição da 4ª Coluna: se não fora o socorro prestado pela 2ª Coluna, sob as ordens do general Savaget, os soldados e oficiais da 1ª não teriam saído vivos da guerra.

Esse assunto foi tratado em praticamente todas as reportagens de Manoel Benício, que nunca poupou o general Oscar da responsabilidade de expor a 1ª Coluna a riscos inúteis. Quando o mesmo episódio é transposto para **O Rei dos Jagunços**, Benício transcreve, entre aspas, não apenas as críticas à vaidade do general, por querer atacar Canudos antes da 2ª Coluna, mas igualmente as passagens em que relataria o pânico dos soldados, entregues à sorte e desorientados sob o tiroteio implacável do inimigo. Portanto, ler as reportagens é o mesmo que ler a segunda parte de **O Rei dos Jagunços**.

Antes de entrar em considerações sobre o desempenho da 1ª e 2ª Colunas, Benício faz alusão às cenas de empastelamento dos jornais do Rio de Janeiro, em represália ao fracasso da 3ª Expedição e à morte do general Moreira César:

*"As cenas que tiveram por teatro as ruas desta Capital foram vergonhas e horrores. A Capital da República por dois ou três dias parecia entregue à masorca. Edifícios e tipografias de jornais foram arrombados, e saqueados os haveres de seus donos à vista das autoridades superiores da polícia. Casas particulares foram assaltadas e roubadas, estando próximas ao quartel da Brigada Policial e as alfais e os dinheiros ali guardados levados pelos malfeitores desconhecidos."*³⁴

O autor refere-se igualmente à morte de um cidadão quando "pleiteava um processo com o órgão da imprensa do Partido Republicano Federal"³⁵ bem como a perseguição a outros cidadãos, "apontados pelo mesmo órgão".³⁶

A estruturação do capítulo "Quarta Expedição", de **Os Sertões**, segue muito de perto à de **O Rei dos Jagunços**, de forma que, antes de passar às considerações sobre os desastros da 1ª Coluna, Euclides também faz menção à agitação por que passou a cidade do Rio de Janeiro quando da notícia da morte de Moreira César. Contrariamente a Manoel Benício, Euclides preferiu a análise do fato:

³³ *De sertões e de jagunços* In **Saco de gatos**. São Paulo, Duas Cidades, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976, p.77.

³⁴ Manoel Benício. **O rei dos jagunços**. p.295-296.

³⁵ Idem, *ibidem*, p.296.

³⁶ Idem, *ibidem*, p.296.

*"Era preciso uma explicação qualquer para sucessos de tanta monta. Encontraram-na: os distúrbios sertanejos significavam pródromos de vastíssima conspiração contra as instituições recentes."*³⁷

Na descrição do episódio, Manoel Benício não deixa claro que as perseguições, movidas pelos partidários da República, tinham por alvo os monarquistas e seus jornais; já Euclides declara com todas as letras que a morte de Moreira César só fez crescer a tese da conspiração monarquista dos jagunços.

Enquanto Manoel Benício contenta-se em descrever as cenas de perseguição e empastelamento dos jornais, Euclides da Cunha passa à transcrição de fragmentos de jornais como **Gazeta de Notícias, O País, O Estado de S. Paulo**, todos partidários dos propósitos monarquistas do sertão baiano. Curiosamente, o escritor não faz qualquer menção ao **Jornal do Comércio**, que poderia perfeitamente ser agrupado entre os jornais que partilhavam da opinião monarquista. As denúncias de Manoel Benício, aí publicadas, mostram que, nem por fazer críticas aos comandantes do Exército, o correspondente não visse Canudos, a exemplo de seus superiores, como reduto monarquista.

De qualquer forma, já pela menção aos distúrbios em seguida à morte de Moreira César já pela incorporação da técnica de transcrever notícias, documentos e notas oficiais, o capítulo "Quarta Expedição" de **Os Sertões**, torna evidente que Euclides da Cunha não apenas conheceu **O Rei dos Jagunços** como baseou-se no capítulo do mesmo nome, do "romance" de Manoel Benício, na elaboração dessa parte da obra.

Quando o autor de **Os Sertões** considera as "versões desparatadas" sobre o fracasso da 3ª Expedição, as "mentiras heróicas" que davam conta de que o coronel Tamarindo ainda estaria vivo ou as "idéias alarmantes" que diziam ser os sertanejos não "um bando de carolas fanáticos" mas um "exército instruído, disciplinado"³⁸, fosse seu propósito trazer a polifonia para o seu relato, é de supor que, Euclides da Cunha, com mais consciência do que Manoel Benício, talvez, procurasse através da polifonia representar as versões que corriam sobre os incidentes relacionados à guerra de Canudos, sem que ficasse exposto o ponto de vista por meio do qual essas versões são recuperadas.

A neutralidade que a polifonia pode sugerir não impediu Euclides, como também Manoel Benício, de fazer severas críticas à organização da 4ª Expedição, que partia para o campo da batalha sem que houvesse sido traçado um plano geral das operações. Ao contrário, porém, de Benício, que responsabiliza o general Oscar pelos erros táticos praticados, Euclides analisa os erros do general, a começar pela ausência de um plano de estratégias militares, como fazendo parte de uma cadeia de erros que caracterizava a atuação do Exército brasileiro:

*"Não tínhamos exército na significação real do termo em que se inclui, mais valiosa que a existência de alguns milhares de homens e espingardas, uma direção administrativa técnica e tática, definida por estado-maior enfeixando todos os serviços, desde o transporte de viaturas aos lineamentos superiores da estratégia, órgão preparador por excelência das operações militares."*³⁹

Em Benício, a crítica contra o general partia de um enfoque subjetivo; em Euclides, a crítica, por se dirigir preferencialmente à instituição que Artur Oscar representava, ganha tom mais impessoal. Certamente não era intenção do escritor tirar a responsabilidade que cabia ao militar pelo fracasso da 1ª Coluna. Todavia, na recuperação dos fatos históricos, percebe-se o interesse de Euclides em explorar o potencial épico dos acontecimentos relativos ao desempenho tanto da 1ª quanto da 2ª Colunas. Assim, no capítulo "Quarta Expedição", rivalizam com os momentos de análise, cenas fortes, como o encontro do cadáver decapitado do coronel Tamarindo:

³⁷ Euclides da Cunha. **Os sertões**. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo, Brasiliense, 1985, p.371.

³⁸ Idem, ibidem, p.376.

³⁹ Idem, ibidem, p.382.

"O lugar era lúgubre.

Despontavam em toda a banda recordações cruéis: mulambos já incolores, de fardas, oscilando à ponta dos esgalhos secos; velhos selins, pedaços de mantas e trapos de capotes esparsos pelo chão, de envolta com fragmentos de ossadas. À margem esquerda do caminho, erguido num tronco - feito um cabide em que estivesse dependurado um fardamento velho - o arcabouço do coronel Tamarindo, decapitado, braços pendidos, mãos esqueléticas calçando luvas pretas...

Jaziam-lhe aos pés o crânio e as botas."⁴⁰

Outra cena, que poderia se mencionada, seria aquela em que, ao adentrar em Canudos, a 1ª Coluna torna-se prisioneira dos jagunços. Euclides não apenas soube explorá-la enquanto espetáculo épico mas igualmente o clima de suspense da situação, para o que contribuiu o fato de a cena encerrar um fragmento do capítulo:

Restava-lhe um recurso sobremaneira problemático e arriscadíssimo: saltar fora daquele vale sinistro da Favela, que era como uma vala comum imensa, à ponta de baionetas e golpes de espadas.

Fez-se, porém, uma última tentativa. Um emissário seguiu furtivamente, insinuando-se pela caatingas, em busca da 2ª Coluna, que estacionara menos de meia légua, ao norte..."⁴¹

Finalmente, um último exemplo de espetáculo de guerra é o da marcha da 2ª Coluna em direção a Canudos: depois de atravessar a serra de Cororobó, os soldados do general Savaget vêem-se diante da situação peculiaríssima de lutar contra um inimigo que não se deixa ver:

"Era quase um revés.

No fim de três horas de fogo os atacantes não tinham adquirido um palmo de terreno. A quinhentos metros dos adversários, não tinham - milhares de vistas fixas nas vertentes despidas -lobrigado um único sequer.

(.....)

E daquele desolamento, daquela solidão absoluta e impressionadora, irrompia, abalando as encostas, uma fuzilaria cerrada e ininterrupta como se ali estivesse uma divisão inteira de infantaria"⁴²

Se, de fato, Euclides "jamais lança mão do romance como processo literário"⁴³, as passagens mencionadas são exemplos eloqüentes do tratamento ficcional a que foi submetido o fato histórico. Enquanto Manoel Benício, em **O Rei dos Jagunços**, fez questão de permanecer repórter, Euclides da Cunha, em **Os Sertões**, assumiu o seu lado de escritor literário. O real como história e o "real como ficção"⁴⁴ é a distância que separa os dois escritores nas suas versões da guerra de Canudos.

⁴⁰ Idem, ibidem, p.396.

⁴¹ Idem, ibidem, p.405-406.

⁴² Idem, ibidem, p.413-414.

⁴³ Nicolau Sevcenko. **Literatura como missão**. São Paulo, Brasiliense, 1983, p.136.

⁴⁴ Jarez da Gama Batista. **O real como ficção em Euclides da Cunha**. João Pessoa, Paraíba, Imprensa Universitária, 1967.

BIBLIOGRAFIA

BATISTA, JUAREZ DA GAMA. **O real como ficção em Euclides da Cunha**. João Pessoa, Paraíba, Imprensa Universitária, 1967.

BENÍCIO, MANOEL. **O rei dos jagunços**. Rio de Janeiro, Typ. do "Jornal do Commercio" de Rodrigues & Cia, 1899.

CUNHA, EUCLIDES. **Os sertões**. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo, Brasiliense, 1985.

GALVÃO, WALNICE NOGUEIRA. **No calor da hora**. São Paulo, Ática, 1977.

_____. *De sertões e de jagunços*. In: **Saco de gatos**. São Paulo, Duas Cidades, Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.

SEVCENKO, NICOLAU. **Literatura como missão**. São Paulo, Brasiliense, 1983.